

JUVENTUDE, DIREITO À EDUCAÇÃO E MASCULINIDADE: A OCUPAÇÃO DE ESCOLA DO COLÉGIO MENDES DE MORAES

*YOUTH, RIGHT TO EDUCATION, AND MASCULINITY: THE SCHOOL OCCUPATION AT COLÉGIO
MENDES DE MORAES*

Mariana dos Reis Santos¹
Saulo Quintanilha Silva

^A Vínculo institucional (Sigla), Cidade, UF, País

^B Vínculo institucional (Sigla), Cidade, UF, País

Recebido em: 30 Mar. 2026 | Aceito em: 03 Ago. 2026

Correspondência: Mariana dos Reis Santos (marianasantos@ibc.gov.br)

Resumo

O estudo analisa o movimento de ocupações escolares no Colégio Estadual Mendes de Moraes, no Rio de Janeiro em 2016. Tal pesquisa objetiva compreender tanto as lutas por direitos educacionais quanto os processos de subjetivação, incluindo conflitos físicos, políticos e construções de masculinidade do grupo “Desocupa”, contrário ao movimento das ocupações. O “Ocupa Mendes” tornou-se naquele momento uma ocupação vanguardista por sua combatividade na defesa de reivindicações estudantis mediante as 80 escolas ocupadas na cidade do Rio de Janeiro. As principais reivindicações pelo direito à educação incluíam melhorias na infraestrutura, reformulação curricular, valorização docente e gestão democrática. A metodologia consiste numa análise qualitativa, debruçando-se sobre a coleta de dados de uma tese de doutoramento em educação. O referencial teórico inicial utilizado se respaldou em autores como Leffa e Souza (2022) assim como em Clasen, Netto e Acorssi (2021) para abordar as subjetivações das reivindicações políticas construídas por estes jovens nas ocupações. No segundo momento da pesquisa, analisou-se de maneira secundária as dissidências deste movimento perante a ação truculenta do movimento “Desocupa” nos ataques físicos do grupo ao “Ocupa Mendes” e as subjetivações de uma masculinidade hegemônica constituída neste grupo. O estudo se debruçou em autores como: Sefner (2022), Connel & Messerschmidt (2025) e Henrique & Silva (2025) para refletir sobre a temática. Em suma, ainda que o “Ocupa Mendes” tenha finalizado sua atuação

¹ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Ensino Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant. Membro do corpo docente do Mestrado Profissional do Ensino voltado para a deficiência visual no Instituto Benjamin Constant. Compõe o grupo de pesquisa Gesdi (Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Espaços Tempo da História e dos Cotidianos).

Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Formação dos Professores. Bolsista de Iniciação Científica pertencente ao grupo Gesdi (Gêneros, Sexualidades e Diferenças nos Espaços Tempo da História e dos Cotidianos).



política perante os constantes ataques violentos do “Desocupa”, este movimento se configurou numa das referências estudantis secundaristas brasileiras da época.

Palavras-chave: juventude; masculinidade; ocupações de escola; educação

Abstract

The study empirically analyzes the school occupation movement at Colégio Estadual Mendes de Moraes, in Rio de Janeiro, in 2016. It aims to understand both the struggles for educational rights and the processes of subject formation, including physical and political conflicts, as well as constructions of masculinity within the group “Desocupa,” which opposed the occupation movement. At that time, “Ocupa Mendes” became a pioneering occupation due to its strong engagement in defending student demands, within a broader context of approximately 80 occupied schools in the city of Rio de Janeiro. The main demands included improvements in school infrastructure, curriculum reform, teacher valorization, and democratic management. Furthermore, the study highlights that the movement was characterized by self-management practices, solidarity networks, and the strategic use of social media for mobilization. In a second stage, the research examines internal tensions and conflicts arising from the violent actions of the “Desocupa” group against “Ocupa Mendes,” focusing on the construction of hegemonic masculinity within this *विरोधी* group. Members of “Desocupa” displayed behaviors associated with authority, virility, and control, reflecting patriarchal structures and contradicting the collective logic of the struggle for the right to education. In conclusion, although “Ocupa Mendes” ended its political activities due to repeated violent attacks, it became an important reference in Brazilian secondary student movements of the period.

Keywords: youth; masculinity; school occupations; education

Resumen

El estudio analiza empíricamente el movimiento de ocupaciones escolares en el Colégio Estadual Mendes de Moraes, en Río de Janeiro, en 2016. La investigación busca comprender tanto las luchas por los derechos educativos como los procesos de subjetivación involucrados, incluidos los conflictos físicos, políticos y las construcciones de masculinidad del grupo “Desocupa”, contrario a las ocupaciones. El “Ocupa Mendes” se destacó como una ocupación vanguardista y combativa entre las cerca de 80 escuelas ocupadas en la ciudad, defendiendo reivindicaciones como mejoras en la infraestructura, reformulación curricular, valorización docente y gestión democrática.

Además, el movimiento estuvo marcado por prácticas autogestionarias, redes de solidaridad y el uso estratégico de las redes sociales para la movilización. En un segundo momento, la investigación analiza las disidencias y los conflictos generados por las acciones violentas del grupo “Desocupa”, que realizó ataques físicos contra el “Ocupa Mendes”, así como las subjetivaciones de una masculinidad hegemónica presentes en este grupo. Estos individuos incorporaron comportamientos de autoridad, virilidad y control, asociados a la estructura patriarcal, en oposición a la organización colectiva por el derecho a la educación.

Por último, aunque el “Ocupa Mendes” haya finalizado su actuación ante los ataques, el movimiento se consolidó como una referencia entre las movilizaciones estudiantiles secundarias brasileñas de la época.

Keywords: juventud; masculinidad; ocupaciones escolares; educación

Introdução

A canção *Amarelo*, de Emicida, ao enunciar a frase “A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto” elucida uma potente metáfora de superação social e inversão de hierarquias de grupos minoritários historicamente estabelecidas. Este estudo tem por objetivo explicitar vivências do processo de ocupação do colégio Estadual Mendes de Moraes localizado no bairro da Ilha do Governador, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2016. Procurou-se analisar empiricamente tanto o fenômeno social que constituiu as lutas da juventude pelo direito à educação como também os processos de subjetivação que permearam conflitos físicos e políticos envolvendo posturas de masculinidades neste contexto.

Os sujeitos envolvidos nessas ocupações, em sua maioria com idade entre 12 e 20 anos se encontram em uma faixa etária que abrange desde a pré-adolescência até o início da juventude. Ainda que o Estatuto da Criança e do Adolescente delimite as categorias de infância e adolescência, a noção de juventude, frequentemente compreendida no âmbito das políticas públicas, abrange este grupo entre 15 e 29 anos, revelando-se fundamental para a análise desses atores enquanto sujeitos sociais e políticos.

Nesse contexto, a juventude tem sido uma categoria representada por discursos midiáticos e institucionais como um segmento apático ou pouco engajado nas questões sociais contemporâneas. No entanto, eventos recentes da história brasileira tensionam essa interpretação. Um exemplo elucidativo disto foram as “Jornadas de Junho”, em 2013, que evidenciaram a expressiva participação de jovens em mobilizações de grande escala. Este movimento foi inicialmente impulsionado pelo Movimento Passe Livre (MPL) reivindicando a redução das tarifas de transporte público e criticando os elevados investimentos estatais destinados à realização da Copa do Mundo de 2014.

Posteriormente, em novembro de 2015, emergiu o movimento de ocupações escolares no estado de São Paulo, em resposta à política de reorganização da rede pública de ensino proposta pela gestão do então governador Geraldo Alckmin. Tal medida previa a reestruturação das unidades escolares em ciclos únicos, implicando o fechamento de diversas instituições sob a justificativa de melhoria da qualidade do ensino. Em reação, estudantes organizaram ocupações que não apenas denunciaram os impactos dessa política, mas também

ressignificaram o papel da juventude na esfera pública, afirmando sua capacidade de ação autônoma e de intervenção crítica nas decisões políticas.

Cerca de cinco meses após o início das ocupações no estado de São Paulo, esse processo foi reproduzido no estado do Rio de Janeiro. Inspirado no movimento “Não feche minha escola”, o ciclo de ocupações fluminenses expandiu-se progressivamente, angariando o apoio de diferentes segmentos da sociedade civil, incluindo atores vinculados aos campos da educação, cultura e política. No auge desse processo, aproximadamente 80 unidades escolares encontravam-se ocupadas em todo o estado.

Dentre essas experiências, destacou-se o protagonismo do Colégio Estadual Mendes de Moraes, primeiro colégio a realizar a ocupação de escola na cidade do Rio de Janeiro. Tendo início em 21 de março de 2016 com a participação de cerca de 50 estudantes, as principais reivindicações dos secundaristas, articuladas às demandas do corpo docente em greve, concentravam-se na melhoria das condições de infraestrutura escolar, na reformulação curricular do ensino médio, na valorização do magistério e na implementação de mecanismos de gestão democrática, notadamente por meio da eleição direta de diretores. No momento inicial do movimento, aproximadamente 70% dos professores aderiram à greve, percentual que se ampliou ao longo do processo. Em poucos dias, as ocupações se disseminaram por diversas escolas, sobretudo na Zona Norte da cidade.

Ao longo desse processo, constituiu-se uma expressiva rede de solidariedade, envolvendo tanto membros da comunidade escolar quanto apoiadores externos. Essas redes se materializaram através da doação de alimentos, produtos de higiene e materiais de limpeza, bem como pela oferta de atividades pedagógicas alternativas, aulas informais e debates voltados a temas relacionados aos direitos humanos e à conjuntura política nacional.

Esse modelo organizativo caracterizou-se por práticas autogestionárias e horizontais, especialmente no que se refere à definição das atividades pedagógicas cotidianas. Esta dinâmica promoveu a ruptura a lógica tradicional de ensino, frequentemente marcada pela padronização e pela centralidade na transmissão de conteúdos pouco conectados à realidade dos estudantes. Nesse contexto, foram desenvolvidas diversas oficinas e atividades não convencionais no âmbito da escola pública estadual, como práticas de corpo e movimento, fotografia, culinária, artes circenses e produção audiovisual, entre outras.

Concomitante a isto, os estudantes passaram a utilizar as redes sociais digitais, especialmente por meio do Facebook, como instrumento de visibilização e articulação política. Nesse ambiente, popularizaram-se hashtags que identificavam as escolas ocupadas, como #OcupaMendes, #OcupaGomes e #OcupaCairu, configurando um importante canal de comunicação e mobilização coletiva.

Durante o artigo, serão tecidas noções sobre como a política do momento usou da masculinidade hegemônica desses homens e alunos e de agentes da cisheteronormatividade como forma de coação e instrumento de poder patriarcal para que a greve na unidade fosse desocupada pelo movimento contrário.

A pesquisa se baseou nas observações de uma professora pesquisadora apoiadora do movimento de ocupações no ano de 2016, movimento individual que originou sua tese de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo tema eram as demandas curriculares e educacionais dos ocupantes de escola. O segundo pesquisador do presente estudo, analisa conjuntamente o contexto da construção de subjetividades neste ambiente educacional, a partir do surgimento de conflitos entre ocupantes do “Ocupa Mendes” e o movimento ideológico contrário a esta política denominado “Desocupa”. Deste modo, o elemento da masculinidade envolvido nessa dinâmica institucional do Estado vem a ser analisado empiricamente no artigo após a apresentação da trajetória política do “Ocupa Mendes” nas primeiras seções. Este recorte empírico está relacionado à pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso do segundo pesquisador na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em andamento no curso de Pedagogia.

Este processo investigativo possui caráter qualitativo, focalizando assim, a compreensão dos fenômenos sociais, utilizando-se da interpretação de contextos subjetivos de seres humanos e se apropriando de métodos como: coleta de dados ou observações prévias da prática pedagógica deste adolescente.

Neste sentido os objetivos teórico-metodológicos desta pesquisa investigativa se desdobram em:

- 1) Elucidar o processo de subjetivação da construção do “Ocupa Mendes” a partir das reivindicações estudantis.

- 2) Formular hipóteses empíricas para esta pesquisa tais como: a) constituição das pautas políticas da juventude estudantil durante a construção deste movimento; b) interpretar a ocupação de escola como

Revista Interinstitucional Artes de Educar: Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

espaço de pertencimento estudantil a partir da sua perspectiva metodológica de organização; c) problematizar aspectos provenientes de uma “masculinidade hegemônica” presente no movimento “Desocupa”.

3) Aporte bibliográfico sobre a temática a ser estudada nesta pesquisa.

4) Levantamentos de observações do cotidiano educacional destes ocupantes de escola conforme pesquisa elucidada em tese de doutoramento.

5) Interpretação e organização da coleta de dados com base na argumentação teórico-metodológica escolhida e conclusão dos elementos empíricos da pesquisa.

A seguir, descreveremos o percurso investigativo de observações prévias desta pesquisa investigativa a partir do surgimento do movimento “Ocupa Mendes” na cidade do Rio de Janeiro, ressaltando o ineditismo deste movimento social no campo da educação e das lutas políticas no Brasil.

“OcupaMendes”: o direito à educação da juventude ocupada e suas principais reivindicações

Um dos primeiros protestos² realizados pelos estudantes ocorreu no dia 21 de março de 2016 dentro do Colégio Estadual Mendes de Moraes. Os alunos se recusavam a assistir aula devido ao calor em excesso nas salas. Neste momento, os professores grevistas ainda decidiam pela deflagração da greve. Após sucessivos protestos dos estudantes da instituição denunciando a situação estrutural da escola, a qual interpretavam como sucateada, estes atores decidem ocupar o colégio.

O movimento “Ocupa Mendes”, em razão de seu caráter vanguardista no âmbito das ocupações estudantis, adquiriu expressiva notoriedade, tanto no interior das redes de apoio à causa quanto por meio da visibilidade proporcionada pela grande imprensa e por veículos de mídia alternativa.

² <<http://ilhacarioca.com.br/protesto-de-alunos-e-professores-no-colegio-mendes-de-moraes/>>. Acesso em 5 de novembro de 2019>. Acesso em: 03 de Nov. de 2025

Conforme o jornal “O Dia”³, o colégio Mendes de Moraes foi ocupado por estudantes que se apoiavam na greve dos professores, que exigiam que a Secretaria Estadual de Educação abrisse o diálogo com as reivindicações dos servidores e professores. Passados dias de ocupação, outras pautas eram articuladas ao conjunto de demandas relacionadas ao direito à educação destes ocupantes. Sobre a construção deste conjunto de reivindicações no processo da luta política, Leffa e Souza refletem que:

Conforme as pautas eram lançadas entre os alunos, diante de suas demandas em relação às questões cruciais para o momento que estavam vivenciando em seus locais de estudo, o cotidiano escolar transforma-se de maneira inventiva.” caso não houvesse um processo de negociação na luta e todos os canais de negociação fossem esgotados. Leffa e Souza (2022, p.2).

Inicialmente, esta primeira ocupação se constituiu baseando-se no manual “Mal educado”. O conteúdo do manual consistia em sugestões e práticas para ocupações de escola formulado por estudantes argentinos em 2012, que por sua vez, orientavam os militantes em ações cotidianas desta luta. Na versão argentina, ele se intitula “Como tomar um colégio?” e foi inicialmente apropriado no Brasil pelo movimento de ocupações de São Paulo. A cartilha esclarecia que o ato de ocupar seria o último recurso. Explicitava sugestões desde como organizar “assembleias” até as questões de ordem prática do cotidiano das ocupações, relativas à formação das comissões de limpeza, alimentação, segurança, comunicação e relações externas.

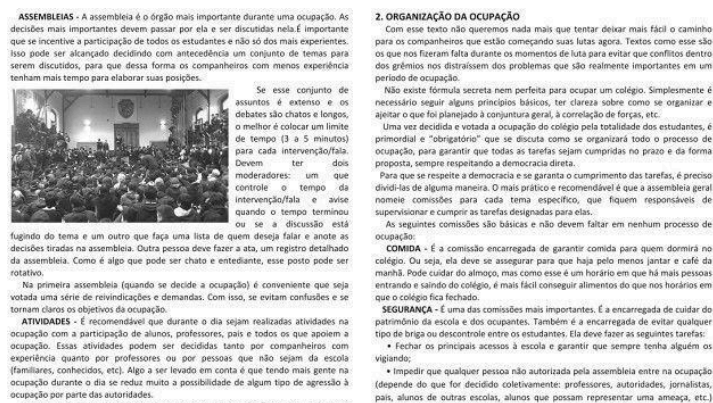
Ao seguirem as orientações da cartilha, executaram as ações nas instituições ocupadas, variando o êxito do funcionamento da dinâmica do movimento conforme o grau de envolvimento do grupo e as especificidades de cada instituição (BARRO, 2017, p. 103). Tal manual tornou-se referência também para o processo inicial das ocupações de São Paulo assim como para ocupações de outros estados posteriores ao movimento do estado do Rio de Janeiro, amparando-se por essas orientações da cartilha (podendo ser encontrado na página do coletivo Mal Educado)⁴.

Figura 1 – Cartilha do coletivo O Mal-Educado, inspirada no manual argentino.

3

<http://extra.globo.com/noticias/rio/em-apoio-greve-de-professores-alunos-ocupam-colegio-estadual-no-rio-18926679.html>Acesso em 9 de novembro de 2025

⁴ <https://gremiolivre.wordpress.com/> Acesso em 6 de dezembro de 2019



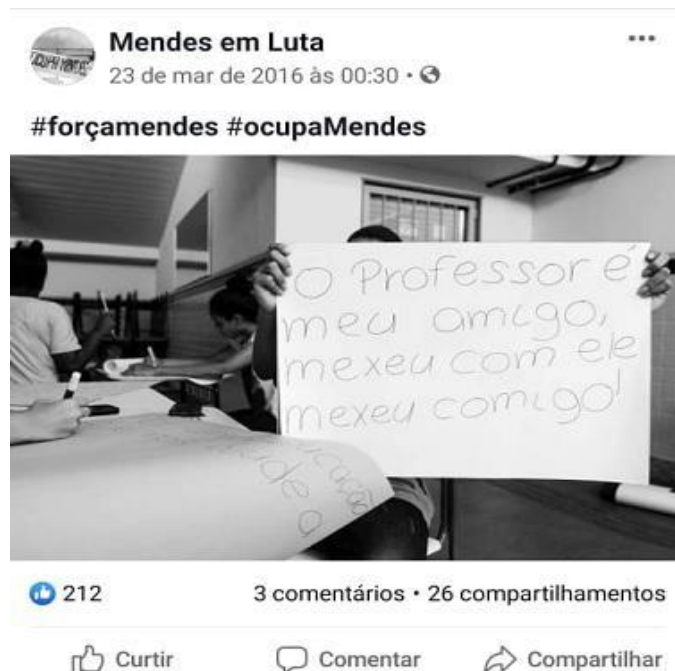
Disponível em:<<https://gremiolivre.wordpress.com/>>. Acesso em: 06 de Dez. 2019.

Ainda que a presente pesquisa considere as singularidades na constituição das diferentes ocupações na cidade do Rio de Janeiro, é importante ressaltar que o “Ocupa Mendes” configurou-se como uma espécie de referência para outros movimentos que vieram a se formar. Esse processo incorporou princípios de militância de caráter autonomista, que orientaram a organização metodológica da maioria das ocupações, tais como a ação direta⁵, a horizontalidade e a autonomia, características centrais desse tipo de mobilização.

O Colégio Mendes de Moraes apresentava uma pauta de reivindicações ampla, que se consolidou como um referencial inicial para a construção de uma pauta mais abrangente do movimento de ocupações. Gradualmente, as demandas específicas de cada instituição foram sendo incorporadas a uma pauta geral do movimento no estado do Rio de Janeiro. Naquele momento inicial, as principais reivindicações concentravam-se no apoio aos profissionais da educação em greve, na melhoria das condições da educação de forma geral e na denúncia de práticas consideradas autoritárias por parte da direção escolar.

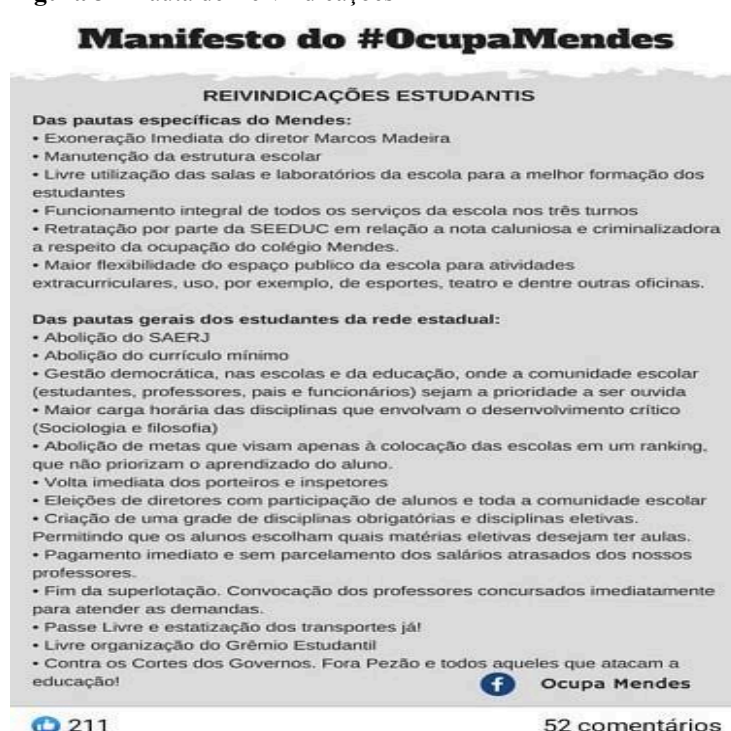
Figura 2 – Cartaz em apoio ao movimento dos professores nos primeiros dias de ocupação.

⁵ Segundo Gallo (2007), a “ação direta” é uma prática baseada na ideia de que são os próprios oprimidos que devem construir e gerir o processo de luta contra a opressão. Um dos movimentos que mais desenvolveu a ação direta foi o anarquismo principalmente nas atividades de propaganda, jornal e educação.



Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=242258856128134&substory_index=0&id=2413777549575 Acesso em: 03 de Jan. de 2020

Figura 3 – Pauta de Reivindicações



Disponível em: <https://facebook.com/ocupamendes/>

Elucidarei, a seguir, o registro da pauta⁶ que listam em sua página de *Facebook*:

⁶<https://www.facebook.com/OcupaMendes/photos/pcb.253936391627047/253936264960393/?type=3&theatera>
Acesso em 20 de dezembro de 2025

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "**Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa**". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

Quadro 1 - Pautas listadas na página de Facebook

a)Abolição do currículo mínimo;
b)Gestão democrática das escolas e da educação onde a comunidade escolar (estudantes, professores, pais e funcionários) seja a prioridade a ser ouvida;
c)Maior carga horária das disciplinas que envolvem o desenvolvimento crítico (Sociologia e Filosofia);
d)Abolição das metas que visam apenas o ranking e não priorizem o aprendizado do aluno;
e)Volta imediata de porteiros e inspetores;
f)Eleição de diretores com a participação de toda a comunidade escolar;
g)Criação de uma grade de disciplinas obrigatórias e disciplinas eletivas, permitindo que os alunos tenham matérias que desejam ter aulas;
h)Pagamento imediato e sem atraso dos salários atrasados dos nossos professores;
i)Fim das superlotações. Convocações imediatas dos professores para atender às demandas;
j)Passe livre e estatização dos transportes já;
k)Livre organização do Grêmio Estudantil;
l)Contra os cortes do governo, Fora Pezão e todos aqueles que atacam a educação.

Disponível em: <https://facebook.com/ocupamendes/>

No conjunto da pauta estudantil, havia reivindicações que também se direcionam a valorização e melhores condições da carreira docente, como pagamento imediato e sem atraso dos professores, fim das salas superlotadas e convocações de novos professores. Nas questões relativas à representatividade da comunidade escolar na instituição, identifica-se: “a gestão democrática das escolas,” “eleição de diretores com a participação de toda a comunidade escolar” e “livre organização do grêmio estudantil”.

Conforme Clasen, Netto e Accorssi (2021, p. 153) enfatizam em seus estudos que durante as ocupações, os estudantes não só questionaram o curso das políticas públicas da lógica capitalista como também expuseram questionamentos políticos, pedagógicos e sociais da ofensiva contrário ao projeto de escola pública vigente. Evidenciou-se também a sociedade, um conjunto de reivindicações relacionado a um projeto de formação escolar distinto de um ensino tradicional atual da maioria das instituições brasileiras.

Ações do Desocupa contra o Ocupa Mendes: masculinidades em conflito na disputa pelo projeto de educação

O “Ocupa Mendes” configurou-se como um dos movimentos de ocupação que encontrou maiores dificuldades para se manter ativo. Tal cenário se deveu aos sucessivos ataques promovidos pelo movimento “Desocupa”, bem como às tentativas de reintegração de posse solicitadas pelo Estado.

Conforme matéria publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo em 11 de abril de 2016, a Justiça concedeu uma liminar provisória determinando a reintegração de posse do Colégio Mendes de Moraes. Embora a decisão reconhecesse o direito à livre manifestação dos estudantes, argumentava-se que a ocupação não poderia impedir o acesso de outros alunos às atividades escolares. No entanto, no dia seguinte, o Tribunal de Justiça deferiu⁷ o pedido da Defensoria Pública, garantindo a continuidade da ocupação no colégio, o que representou uma vitória momentânea do movimento.

Ainda assim, o principal fator de instabilidade no cotidiano da ocupação foi a atuação recorrente do movimento “Desocupa”. Em meio a esse contexto de tensão, integrantes do “Ocupa Mendes” passaram a identificar o apoio de diretores, professores da própria instituição e da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) ao movimento contrário à ocupação. Esse apoio institucional teria ocorrido, inclusive, por meio de manifestações públicas nas redes sociais.

Este grupo dos “Desocupa” se constituía majoritariamente por pessoas do gênero masculino que articulavam as ações de ataque a ocupação de maneira truculenta. Deste modo, é de suma relevância colocar o debate da masculinidade em debate no contexto educacional brasileiro para se compreender o espaço escolar como espaço de disputas e relações de poder.

Deste modo, Connel & Messerschmidt (2025, p.245) em suas formulações atribuem este comportamento dos indivíduos deste movimento ao termo “masculinidade hegemônica”

7

<https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,justica-determina-reintegracao-de-posse-de-escola-ocupada-no-rio,1854649>>. Acesso em: 03 de Nov. de 2025

8

<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/justica-suspende-reintegracao-de-posse-em-primeiro-colegio-ocupado-por-alunos-12042016>Acesso em: 04 de Nov. de 2025.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "**Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa**". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

ou seja, um padrão de práticas que possibilitam a dominação dos homens sobre as mulheres, se constituindo enquanto uma conduta normativa para a sociedade. Segundo os autores (2025), pessoas do gênero masculino incorporam a forma mais honrada de ser homem sendo legitimados pela subordinação global das mulheres sobre homens.

Já Henrique & Silva (2025,) em seus estudos interseccionando a “Masculinidade” em ambiente da educação esclarecem que esta “masculinidade hegemônica” em questão está diretamente relacionada a um determinado homem que condizente com a estrutura do patriarcado. Assim ressaltam que:

Trata-se da masculinidade hegemônica, geralmente associada a poder, autoridade, hegemonia, virilidade e controle, atributos típicos do patriarcado. A depender de contextos históricos e regionais em que se manifesta, a masculinidade hegemônica ainda pode reforçar desigualdades e violências, especialmente a mulheres, pessoas LGBTI+(lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intessexuais e outras identidades sexuais e de gênero) e outros homens que não se enquadram nesse modelo, como os racializados e os incapacitados. (Henrique & Silva, 2025, p. 757).

Sendo assim, estes jovens do gênero masculino pertencentes ao movimento “Desocupa” possivelmente internalizaram em seu comportamento este padrão de práticas relacionadas à masculinidade hegemônica. Tais indivíduos aderiam a comportamentos violentos como: ameaças verbais pela internet aos ocupantes de diferentes identidades de gênero, agressão física a colegas de instituição, negação ao diálogo com o movimento social e até aliciamento ao poder hegemônico através de acordos políticos com atores sociais ocupando cargos da Secretaria Estadual da Educação.

Gonzalez (2025, p. 2316) ao correlacionar em seus estudos, a masculinidade hegemônica presente na escola pública corrobora com as formulações de Apple (1987, p. 27) e Bourdieu (1999, p. 35) ao sinalizar que este padrão se manifesta em diversos níveis. De um lado, há a tendência a valorizar comportamentos considerados “masculinos” como: assertividade, competição e liderança, enquanto se estigmatiza atributos associados ao feminino como sensibilidade, cooperação e cuidado. Isso aparece tanto nos conteúdos curriculares, através da valorização de narrativas de grande líderes e heróis como no apagamento da contribuição de mulheres e grupos minoritários nas práticas pedagógicas cotidianas. Neste sentido, meninos que não se enquadram neste padrão hegemônico ou

possuem comportamentos interpretados como femininos são constantemente alvo de violências.

Já (Leiva, 2024, p. 4) ressalta em seus estudos que a masculinidade hegemônica evidencia a posição dominante dos homens, sendo associada frequentemente à legitimação da violência, controle emocional, tomada de riscos, homofobia e responsabilidade financeira exclusiva nos espaços inerentes aos papéis sociais da contemporaneidade.

Deste modo, tais indivíduos do gênero masculino que incorporam estes comportamentos tendem a se associar politicamente à valores ideológicos dissonantes à grupos políticos que defendem direitos sociais igualitários a diversos grupos minoritários.

Um exemplo elucidativo deste alinhamento político evidenciado nesta pesquisa investigativa ocorreu precisamente no 11 de maio de 2016, momento em que a página do “Ocupa Mendes” divulgou em uma rede social uma postagem da conta oficial da SEEDUC que, segundo os ocupantes, incentivava ações do movimento “Desocupa” contra as ocupações. Posteriormente, a Justiça determinou a remoção da publicação e estabeleceu multa de R\$ 10 mil para cada nova postagem da SEEDUC em apoio a esse movimento.

Figura 9 - Twitter oficial da SEEDUC apoiando o movimento Desocupa.



Mendes em Luta

11 de mai de 2016 às 08:39 •

Uma das provas da incitação ao ódio feito pela seeduc, e que mesma convocava e divulgava os atos dos desocupa. O maior responsável por todo atrito, caos e feridos hoje é a seeduc, que, deve responder por todos seus atos.

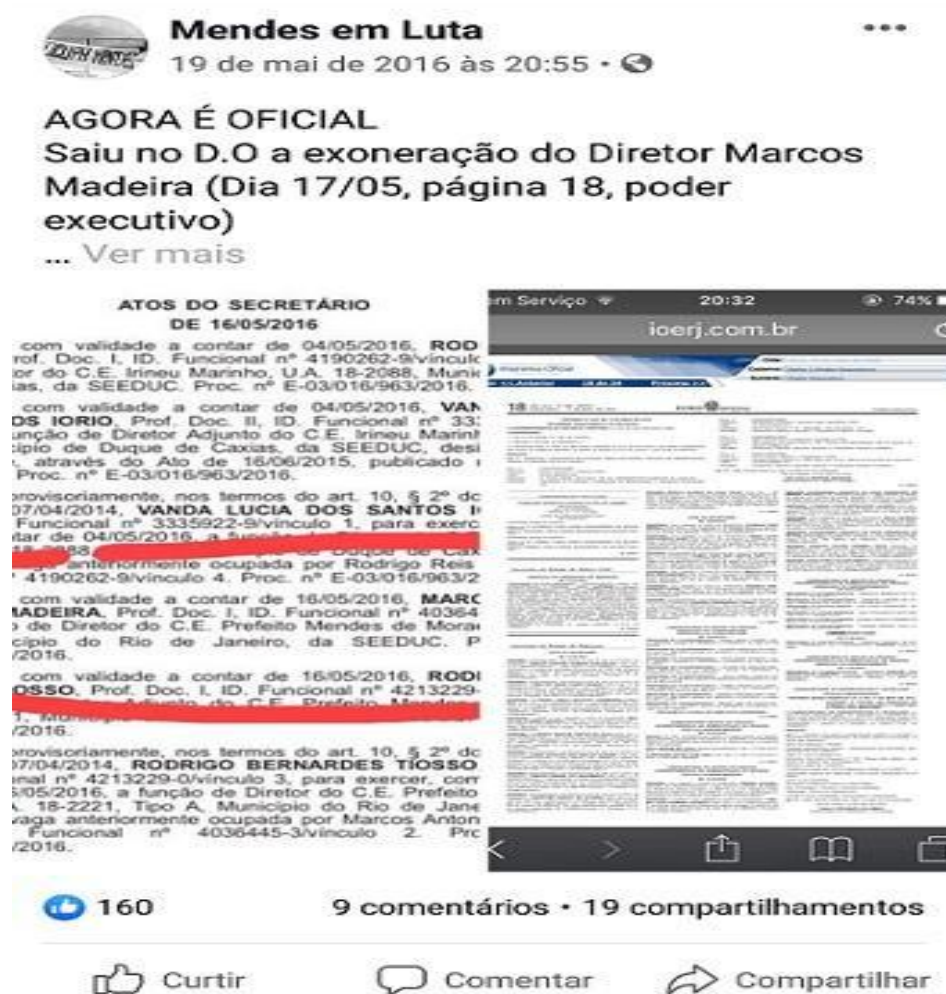


Fonte: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=272936223060397&substory_index=0&id=241377779549575 Acesso em: 03 de Jan de 2020.

A primeira ação promovida pelo movimento “Desocupa” ocorreu em 6 de maio de 2016. Na referida data, o diretor da instituição, Marcos Madeira foi registrado em imagens enquanto dialogava com integrantes desse movimento. No momento em o “Ocupa Mendes” era atacado, o comando de greve das ocupações encontrava-se em reunião com a SEEDUC e parte dos estudantes não estava presente na unidade escolar. Tal circunstância suscitou entre os ocupantes a hipótese de que a ação teria sido previamente articulada por agentes externos ao movimento.

Posteriormente, após um segundo ataque do “Desocupa”, ocorrido em 10 de maio de 2016, o diretor da instituição foi exonerado de sua função. A exoneração foi divulgada pela página do “Ocupa Mendes” em redes sociais, sendo interpretada pelos participantes do movimento como uma das reivindicações atendidas no decorrer do processo de mobilização.

Figura 10 - Diário oficial anunciando a exoneração do diretor Marcos Madeira no colégio Mendes de Moraes



Fonte: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=277446849276001&id=241377779549575 Acesso em 03 de Jan de 2020.

De acordo com relatos de participantes do movimento “Ocupa Mendes”, nem todos os indivíduos vinculados ao movimento “Desocupa” eram estudantes regularmente matriculados na instituição. Além disso, as ações conduzidas por esse grupo eram marcadas pelo emprego de força física de maneira desproporcional, incluindo a formação de cordões de isolamento na entrada da unidade escolar, com o intuito de controlar o acesso ao espaço ocupado.

No que se refere ao segundo ataque promovido pelo “Desocupa”, estima-se a participação de aproximadamente 80 indivíduos, os quais teriam buscado invadir a instituição e agredir fisicamente os estudantes ocupantes. Registros divulgados na página oficial do movimento evidenciam a existência de uma significativa assimetria de forças, bem como a ocorrência de situações de elevada tensão e de ameaças à integridade física dos participantes da ocupação.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

Figura 11 - Postagem do vídeo do movimento “Desocupa” tentando arrombar o portão do “Ocupa Mendes”.



Fonte: <https://www.facebook.com/OcupaMendes/videos/270271763326843/> Acesso em 03 Jan de 2020

Durante o segundo ataque promovido pelo movimento “Desocupa”, o Governo Estadual acionou a Polícia Militar, que por sua vez, isolou a área e determinou que os estudantes desocupassem a unidade escolar. Frente a essa convergência de forças entre o movimento “Desocupa” juntamente com o governo estadual e a Polícia Militar, os participantes do “Ocupa Mendes” optaram por resistir, mantendo-se sentados no chão por várias horas em frente à escola após a retirada do prédio. Os estudantes permaneceram sob o cordão de isolamento durante toda a madrugada, reocupando posteriormente a instituição por meio de uma estratégia coordenada: enquanto um grupo distraía os policiais, outro ingressava pelo portão posterior.

No entanto, na terceira investida do movimento “Desocupa”, ocorrida em 13 de maio de 2016, diante do significativo desgaste emocional experimentado pelos integrantes do “Ocupa Mendes”, os estudantes decidiram proceder à desocupação voluntária do colégio. Se possivelmente este movimento contrário não tivesse existido durante o processo de existência

da ocupação operando de maneira tão truculenta, possivelmente o “Ocupa Mendes” se consagraria como um dos movimentos secundaristas mais combativos do país historicamente pela bravura de seus atores sociais envolvidos.

Breves conversas sobre masculinidade e relações de poder no contexto escolar

A escola pública brasileira contemporânea está inserida num modelo de instituição colonialista diante de um contexto capitalista e patriarcal de sociedade. Sendo assim, é comum a reprodução da fixação de papéis binários de gênero ou comportamentos considerados normais, gerando práticas discriminatórias e violências e aversão a corpos interpretados como dissonantes ou identidades de gênero consideradas anormais.

Louro (2011) sinaliza em seus estudos a dificuldade de profissionais da educação em reconhecer estes indivíduos diferentemente no espaço da ocupação de escola em que estas identidades encontraram sentimento de pertencimento. Assim, a mesma enfatiza que a invisibilidade destes corpos em ambiente escolar é algo naturalizado pelo corpo docente das instituições:

Para educadoras e educadores parece muito complicado assumir que as identidades de gênero e sexual se “multiplicaram”, que já sujeitos que atravessam as montanhas destes territórios; sujeitos que se inscrevem e misturam em seus corpos, deliberadamente, as marcas da feminilidade e masculinidade; sujeitos que aspiram a ambiguidade e equivalência. (Louro, 2011, p. 68)

A existência destas múltiplas identidades de gênero em contexto atual desafia não só o modelo de escola alicerçado no patriarcado como a masculinidade existente em grupos similares aos “Desocupas”, que se opõe a lutas dos movimentos sociais ou Direitos Humanos.

Henrique, Rocha & Silva (2024, p. 77) ressaltam em artigo científico intitulado: “Masculinidade hegemônica e educação” que violências e discriminações a corpos considerados dissonantes são disseminadas pela dinâmica do sistema de gênero moderno/colonial, mas que há também a presença de saberes provenientes de corpos que desafiam o binarismo heterossexista.

Vale ressaltar que a dinâmica da masculina hegemônica não isenta ninguém de suas atitudes individuais, entretanto, existe a movimentação que precisa falar para defender e criar demarcações a todo momento para reprimir os outros que fogem da norma (SEFFNER, 2022)

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

que precede a individualidade e se mostra como estrutura do patriarcado. A Masculinidade patriarcal que Hooks (2018) vai evidenciar elucida que:

Nós sabemos que a masculinidade patriarcal incentiva homens a serem patologicamente narcisistas, infantis e psicologicamente dependentes dos privilégios (ainda que relativos) que recebem simplesmente porque nasceram homens. Muitos homens sentem que a vida será ameaçada se esses privilégios lhes forem tirados, já que não estruturam qualquer identidade essencial significativa.” (Hooks,. 2018. pg.107).

Neste sentido, por lhes faltar significância em suas identidades, não se politizam minimamente por se verem como alicerces do poder, não de forma institucional, mas patriarcal, facilmente são utilizados como meio de manobras políticas, por serem “apolíticos” e escolhem de forma ativa essa posição (REICH, 2001).

As ações institucionais efetuadas pelo poder governamental materializado pela Seeduc (Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro) da época legitimaram a violência perpetrada pela masculinidade hegemônica desses homens posicionados em cargos de poder e alguns alunos pertencentes aos “Desocupa”. Estes indivíduos se sentiram permitidos em efetivar o uso da força e coação como se estivessem lutando efetivamente pelo direito à educação de qualidade. Tais atores sociais ignoraram toda a movimentação política das ocupações de escola e do comando greve geral como instrumentos de reivindicação legítimo, usando de comportamentos masculinos viris hegemônicos, como manobra política de repressão (SEFFNER,2022).

Possíveis conclusões

O movimento “Ocupa Mendes” tornou-se referência política para todo o comando de ocupações do Rio de Janeiro no ano de 2016 mediante a bravura e combatividade dos ocupantes que resistiam a ameaças coercitivas e ataques violentos sofridos durante este período.

Ainda que esta ocupação tenha sido a primeira a desocupar a instituição de ensino Colégio Estadual Mendes de Moraes devido a pressão política antagônica de seus opositores, sua organização política no coletivo, metodologia pedagógica de funcionamento e escolha de reivindicações centrais foram elementos norteadores para potencializar a força das outras ocupações de escola existentes na cidade do Rio de Janeiro.

As ações truculentas do movimento “Desocupa”, por vezes aliciado pelos atores pertencentes à Secretaria Estadual de Educação da época foram fatores sociais determinantes para que a atuação política do “Ocupa Mendes” se findasse de maneira precoce junto ao comando geral de ocupações.

Deste modo, o estudo também analisou o processo de dissidências e conflitos físicos sofridos pelo movimento “Ocupa Mendes” oriundos de subjetivações relacionadas a comportamentos provenientes de uma masculinidade hegemônica. Tais condutas incorporam atitudes associadas a poder, virilidade e autoridade que alicerçam a estrutura hegemônica capitalista.

Em suma, é forçoso ressaltar que as ocupações de escola se constituíram na representação mais concreta de um ambiente escolar democrático e plural, abarcando pautas substancias abarcando a diversidade cultural e sexual existente e abalando as estruturas do poder hegemônico patriarcal, branco e binarista vigente.

Referências

ALFANO, Bruno. **Em apoio a Greve dos professores alunos ocupam colégio estadual do Rio de Janeiro**. Jornal Extra, Rio de Janeiro, 21/3/2016. Notícias. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/em-apoio-greve-de-professores-alunos-ocupam-colegio-estadual-no-rio-18926679.html>. Acesso em 9 de novembro de 2025

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019

CLASEN, Júlia da Rocha; NETTO, Livian Lino; ACCORSSI, Aline. OCUPAR E RESISTIR: A LUTA SECUNDARISTA PELA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 138–155, 2021. DOI: 10.22481/reed.v2i3.8114. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/reed/article/view/8114>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CONNELL, Raewyn & MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan/abr. 2013

GALLO, Silvio. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário; Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 268p.

GRELLET, Fabio. Justiça determina reintegração de posse de escola ocupada no Rio. Estadão. Rio de Janeiro. 11/04/ 2016. Educação. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral.justica-determina-reintegracao-de-posse-de-escola-ocupada-no-rio,1854649>. Acesso em 3 de novembro de 2025

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 12, N. 1 - p. 65-86, jan. - ago. de 2026: "Dossiê: Futuros interrompidos: juventudes, docência e o direito à educação em disputa". – DOI: 10.12957/riae.2026.97762

GONZALEZ, Rodrigo Wanderley. **Currículo, práticas docentes e masculinidades: desafios e possibilidades para uma educação emancipadora.** *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 13, n. 2, p. 2308–2330, 2025. DOI: 10.63595/dedu.v13i2.19793. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/19793>. Acesso em: 15 jul. 2026.

HENRIQUE, Eduardo dos Santos; SILVA, Gabriela da. **Masculinidade tóxica em concepções de estudantes homens do ensino médio: uma prática pedagógica.** *Diversidade e Educação*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 755–778, 2025. DOI: 10.63595/dedu.v13i2.20069. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/20069>. Acesso em: 28 mar. 2026.

HENRIQUE, dos Santos E., Daudt da Rocha, L., & da Silva, G. (2024). **Masculinidade hegemônica e educação: um estado do conhecimento.** *Retratos Da Escola*, 18(40). <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.1902>

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos. v.19. 2018. p. 107

JUSTIÇA SUSPENDE REINTEGRAÇÃO DE POSSE EM PRIMEIRO COLÉGIO OCUPADO PELOS ALUNOS. R7, Rio de Janeiro, (S. D.). Disponível em : <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/justica-suspende-reintegracao-de-posse-em-primeiro-colégio-ocupado-por-alunos-12042016>. Acesso em 4 de novembro de 2025

LAPAGESSE, Gabriela. **Escola na Ilha do Governador é ocupada por manifestantes**, O Globo, **Rio de Janeiro**, 21/3/2016. Rio.. Disponível em <<http://ilhacarioca.com.br/protesto-de-alunos-e-professores-no-colegio-mendes-de-moraes/>. Acesso em 5 de novembro de 2019>. Acesso em: 3 de Novembro de 2025

LEFFA, Lisiane, Sousa. Edson. **As ocupações das escolas e suas formas inéditas de revolta.** *Psicologia USP* (on line), v. 33, 2022

LEIVA, L.; TORRES-CORTÉS, B.; ANTIVILO-BRUNA, A.; ZAVALA-VILLALÓN, G. *Gender-transformative school-based sexual health intervention: study protocol for a randomized controlled trial.* **Trials**, [S.l.], v. 25, p. 360, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13063-024-08191-w>. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13063-024-08191-w>. Acesso em: 24 jun. 202

LOURO, G. **Gênero e sexualidades: pedagogias contemporâneas.** Pró Posições (Unicamp), v.19, p.17-23, 2008

REICH, Wilhelm. **Psicologia das massas do fascismo.** São Paulo. Martins editora livraria. v. 3. 2001. p. 188

SANTOS, M. R. Demandas Curriculares nas Ocupações da cidade do Rio de Janeiro. Tese de doutorado em Educação. (Doutorado em Educação)- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SEFFNER, Fernando. **Não há nada tão raro quanto o normal: O homem comum, a virilidade política e a norma em tempos conservadores.** In: Seffner, Fernando (Org.); Felipe, Jane (Org.). Educação, Gênero e Sexualidade: (Im)Pertinências. Petrópolis: Vozes, 2022. p. 234-267.

Sites:

<https://gremiolivre.wordpress.com>

Facebook:

<https://www.facebook.com/OcupaMendes/photospcb.253936391627047/253936264960393/?type=3&theatera>. Acesso em 28 de março de 2026